

Distribuição da População no Estado do Ceará em 1950

MARIA LUIZA LESSA CURTIS
Geógrafo do C.N.G.

Quando se estuda a distribuição espacial da população cearense, sente-se nitidamente sobre a mesma refletir-se a condição do Ceará de estado do Nordeste brasileiro. Situando-se em grande parte numa região semi-árida, embora a ação do homem já se faça notar atenuando a ação do meio—no Ceará as influências mesológicas se patenteiam na vida da população.

Das unidades que integram o Nordeste brasileiro, essa não é a que encerra extensões mais intensamente áridas. Todavia, é a que tem sua área constituída em maior proporção por terras sertanejas. Além disso, a faixa litorânea, única porção de sua área que se exclui da região dominada pelo clima semi-árido, não goza das condições favoráveis que se observa no litoral dos estados situados ao sul do cabo de São Roque, beneficiado por chuvas abundantes. No território cearense, apenas algumas serras que se erguem em pleno sertão dispõem de uma pluviosidade satisfatória.

Assim, a água constitui um problema para o cearense. Por esta razão, os rios, as fontes e sobretudo as chuvas desempenham papel importante no Ceará, de grande repercussão nos problemas demográficos. As chuvas traçaram as linhas gerais de distribuição da população cearense, o que se pode averiguar por uma análise da mesma.

Em 1950, o Ceará possuía uma população de 2 695 450 habitantes, distribuída pelo território estadual de modo bastante regular, ocupando-o em tôda a extensão. Apenas em algumas áreas o povoamento se adensou sensivelmente, salientando-se do conjunto do estado.

Realmente, penetrando-se no Ceará pelo litoral, sente-se que a região litorânea, embora bem povoada, não é uma área de forte adensamento de população. Não há um contraste frisante entre o seu povoamento e o da região sertaneja, contraste êste nítido na maioria dos outros estados do Nordeste Oriental. Isto porque, não gozando de uma pluviosidade abundante — que lhe daria uma situação de superioridade marcante sobre o interior, tal como acontece nos estados citados — a faixa litorânea cearense não atraiu um número elevado de habitantes, sendo pouco mais povoada que o sertão. Indubitavelmente, as suas condições climáticas são superiores às da região sertaneja: além de mais abundantes, as chuvas são mais regulares, o que lhe permitiu um certo desenvolvimento da agricultura, tendo isto favorecido, de algum modo, o seu povoamento.

Por isso mesmo, caminhando-se para o interior, ao se alcançar o planalto cristalino sobre o qual se estende o sertão, observa-se que a população se vai rarefazendo suavemente. O clima semi-árido, fazendo do sertão uma região predominantemente pastoril, originou um povoamento esparso.

Apenas as serras, graças à sua pluviosidade abundante, condensaram um povoamento denso dentro do Ceará. Atraíram uma população laboriosa de lavradores, que aí vive tirando da terra os recursos para sua subsistência, sendo das mais importantes áreas econômicas do estado. A elas correspondem aquêles trechos que se distinguem pelo seu povoamento: a serra de Baturité, no centro norte do estado; a serra de Ibiapaba, a noroeste; e a região do Cariri Velho, no sopé setentrional da chapada do Araripe, ao sul.

REGIÃO LITORÃNEA E SERTÃO

Excluindo-se as serras, o restante do estado apresenta um aspecto quase idêntico quanto à distribuição da população, devendo ser estudado como um todo. A região litorânea e o sertão apresentam-se muito semelhantes quanto ao povoamento, constituindo uma só zona demográfica.

A conquista das terras cearenses se iniciou pela região litorânea. Não se verificou muito cedo. Já em tôda a costa oriental do Nordeste floresciam os canaviais e as costas

cearenses permaneciam abandonadas, entregues ao gentio e à pirataria estrangeira que com aquêlê traficava. Sòmente no fim do século XVI e início do século XVII, a necessidade de assegurar a posse das costas cearenses levou os portugueses a desenvolverem aí as suas primeiras atividades. Estabeleceram os fortins costeiros e empreenderam os primeiros ensaios de colonização. A cata de minas, o interêsse de catequese, as tentativas de conquista pelos holandeses constituíram os demais fatôres que levaram ao desbravamento do litoral cearense e à sua ocupação.

O povoamento, porém começou a desenvolver-se no Ceará pelo interior, nas últimas décadas do século XVII. O seu verdadeiro móvel foi o pastoreio, que ensaiou seus primeiros passos por volta de 1681, expandindo-se através dos vales dos rios. O berço do povoamento cearense foi a bacia do rio Jaguaribe, pela sua posição geográfica o ponto de convergência dos dois principais movimentos de expansão do gado no Nordeste: o pernambucano, que, vindo de Recife pelo litoral, atingiu o baixo Jaguaribe, subindo o rio; e o baiano que, após desbravar os sertões de Pernambuco, entrou no Ceará pelo sul. Os dois confluíram no médio Jaguaribe pelos últimos anos do século.

É então que a ocupação toma impulso. Penetrado o sertão através do Jaguaribe, a expansão se faz por seus afluentes e subafluentes para todo o interior.

Em sentido diferente, mas sempre seguindo o vale dos rios, penetra no sertão cearense uma outra corrente do movimento baiano: a que, retornando do Piauí, entra no Ceará pelo boqueirão do Poti, indo povoar o conhecido sertão de Crateús, a este do estado.

Ao mesmo tempo, vai-se desenvolvendo o povoamento do trecho norte da capitania. Na faixa litorânea, no baixo curso dos rios que a atravessam em busca do Atlântico, começa a tomar vulto a ocupação, que se desenvolve nos vales dos rios ao sul de Fortaleza: o Piranji, o Xoró, o Pacoti. Povoam-se o Mundaú, o Aracati-Mirim, o Aracati-Açu.

Através do Acaraú, verifica-se outra penetração do povoamento para o interior. Êste rio — juntamente com o Jaguaribe — foi uma das grandes artérias através das quais se realizou a penetração do sertão cearense. Subindo-se até as suas nascentes, alcançou-se os sertões do norte, os chamados sertões de Santa Quitéria e Sobral.

Ainda nas primeiras décadas do século XVIII, completa-se o povoamento do extremo norte da capitania, ocupando-se o Coreau.

Assim, fêz-se, aos poucos, a ocupação de tôda a área em estudo. Atrás dos desbravadores, iam-se estabelecendo os currais, geralmente ao longo dos rios ou ao redor das lagoas e aguadas. Êsses currais evoluíram, gradativamente, em fazendas organizadas — o primeiro ciclo mais estável da colonização — e algumas delas, depois, em povoados e cidades. Era a colonização que se iniciava e se consolidava.

Região litorânea — Abrange a região litorânea a larga faixa de terras que se estende ao longo do oceano, incluindo não só os municípios costeiros, mas alargando-se para o interior onde abrange os de Granja, Licania, Pacajus e Uruburetama, que àqueles se assemelham pelas suas condições naturais.

Conforme já se fêz ver, não se trata de uma área de forte adensamento de população. De fato, o que mais chama a atenção na região litorânea do Ceará é o seu povoamento relativamente escasso, contrastando sensivelmente com o litoral oriental tão povoado dos outros estados nordestinos. A razão disto se encontra, sem dúvida, nas suas condições naturais, sobretudo de clima e solo. Não se trata de uma área equiparável à rica "zona da mata", beneficiada por uma pluviosidade abundante e solos ricos. Ao contrário, suas condições de clima, apesar de superiores às da região sertaneja, são precárias: embora não esteja sujeita ao fenômeno das sêcas, sua pluviosidade não é abundante, só excepcionalmente ultrapassando os 1 000 milímetros anuais. Igualmente, na região litorânea, *grosso modo*, os solos são pobres, pois muito se alarga ao longo das costas cearenses a faixa dos tabuleiros terciários, a conhecida "formação Barreiras", que acompanha o litoral brasileiro. Por isso, enquanto na "zona da mata" sobretudo as culturas da cana-de-açúcar lograram grande impulso, fazendo a prosperidade da região e desenvolvendo o povoamento, na zona em estudo estabeleceu-se apenas uma regular policultura.

De fato, só nos vales dos principais rios, com seus terrenos de aluvião, em certas áreas serranas, beneficiadas pelas chuvas e em algumas baixadas húmidas, foi possível o desen-

volvimento de certas culturas que impediram que a região ficasse desocupada. Principalmente às margens do Acaraú, do Coreaú, do Aracati-Mirim, do Aracati-Açu, do Curu, do Xoró, do Piranji e do Jaguaribe, na serra de Uruburetama e num trecho mais chuvoso em torno de Fortaleza, de Cascavel a Caucaia aproximadamente, desenvolveram-se as culturas do algodão, da cana-de-açúcar, da mandioca, de cereais que garantiram certa prosperidade à região. Nos vales húmidos, crescem viçosos os carnaubais, que constituíram outra atração para o homem que habita a região. São ainda importantes na economia regional a mamona e a oiticica.

Assim, a atração dos vales e do relevo prevalecem na região sobre a influência do mar. Nota-se que o litoral cearense, pouco recortado, baixo, dunoso, orlado pelos tabuleiros terciários, não atraiu o povoamento. Aí vive uma população pouco numerosa que se sustenta da exploração de suas principais riquezas: o peixe, o côco e o sal, cuja produção é ainda reduzida. Mais para o interior, em municípios como os de Granja e Licania, nos quais a agricultura encontrou menores possibilidades de progresso, tomando um certo vulto a pecuária, também o povoamento se mostra escasso.

Do ponto de vista urbano, na região litorânea cearense não são numerosas as cidades importantes, havendo algumas, entretanto, que merecem relevo.

A mais importante é Fortaleza (205 052 habitantes). Além da capital, é o principal porto do Ceará.

Originou-se na segunda metade do século XVII, em torno do fortim de Schoonenborch¹, levantado por MATIAS BECK numa elevação às margens do regato Pajeú. Começou Fortaleza como mero ajuntamento de casas de taipa, esboçando-se lentamente as suas primeiras ruas.

O grande centro econômico e demográfico do Ceará colonial era a bacia jaguaribana, girando em torno das vilas de Aracati e Icó toda a vida comercial da capitania. Fortaleza, bastante distanciada do vale do Jaguaribe, ficou por muito tempo relegada ao isolamento, sem margens para o progresso.

Em 1723, alcançando os foros de vila, Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção continuou uma vila obscura, de função quase exclusivamente político-administrativa. Quando em 1823 foi elevada à categoria de cidade, com o nome de Fortaleza de Nova Bragança, era um aglomerado urbano sem grande importância, inferior a Aracati, Sobral, Crato e Icó.

O seu desenvolvimento começou em meados do século XIX com a abertura de estradas, ligando-a às zonas circunvizinhas: ligou-se Fortaleza a Aquiraz, a Cascavel, a Soure. Passou, assim, a polarizar a produção dessa área, tornando-se o seu entreposto comercial.

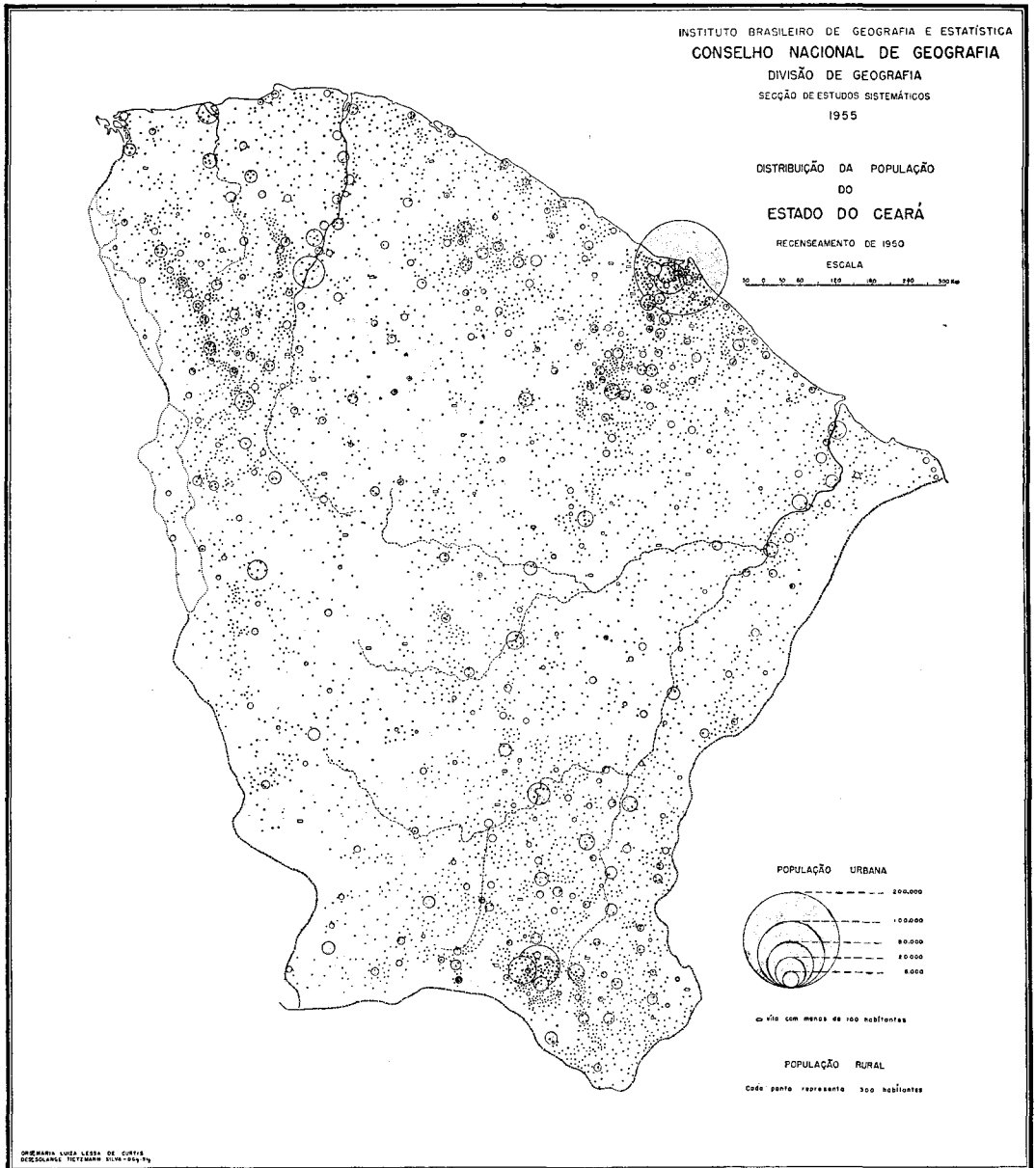
Quando se deu a seca de 1845-46, fixaram-se no município da capital e seus arredores, principalmente nas serras vizinhas de Baturité, Aratanha e Maranguape, grande número de retirantes que, entregando-se ao cultivo da terra, tornaram toda essa área importante pela sua produção agrícola, sobretudo o café, o açúcar e o algodão. Um grande impulso econômico logrou, então, Fortaleza, até agora superada pelas duas outras únicas cidades cearenses: Aracati e Icó.

Por volta de 1866, quando as companhias inglesas de navegação passam a preponderar no porto de Fortaleza, fazendo o carregamento direto de suas riquezas para os portos europeus e norte-americanos, consolida-se o progresso comercial da cidade. Começa a hegemonia econômica da capital sobre Aracati e Icó, que se reduziram aos poucos a entrepostos regionais.

Garantiria cada vez mais o progresso de Fortaleza o desenvolvimento das áreas vizinhas, de modo especial da serra de Baturité. Sobretudo depois da construção da Estrada de Ferro de Baturité, em 1872, que estimulou a produção da serra, facilitando o seu transporte para a capital, esta viu crescer intensamente suas transações comerciais e as exportações.

Além disso, outras zonas produtoras foram prosperando no Ceará e procurou-se, na medida do possível, centralizar a produção do estado na capital. Realmente, algumas estradas foram construídas ligando a Fortaleza várias das principais áreas econômicas cearenses.

¹ Mais tarde chamado Nossa Senhora da Assunção, único traço marcante da passagem dos holandeses pela terra cearense.



Hoje, Fortaleza é servida por boas ferrovias e rodovias, comunicando-se com os mais diversos pontos do estado. Assim, parte daí a Rêde de Viação Cearense (ramal de Baturité), que não só a liga à serra de Baturité, mas corta o sertão central em busca do Cariri, onde tem sua ponta de trilhos, em Crato. Através de ramais desta ferrovia, liga-se à serra de Uruburetama (ramal Fortaleza-Itapipoca) e à serra de Maranguape (ramal Fortaleza-Maranguape). Quanto às rodovias, partem daí a Transnordestina (Fortaleza-Salvador), que, dirigindo-se para leste, atinge o vale do Jaguaribe, que acompanha em grande parte, e depois o do Salgado; a rodovia Fortaleza-Teresina, que faz o trajeto via Sobral, Periperi, Campo Maior.

Eis porque Fortaleza é hoje o principal centro comercial do Ceará. Seu comércio é intenso, sendo o de maior movimento no Nordeste do Brasil, depois de Recife. Índice disso é o grande número de seus estabelecimentos comerciais de todos os gêneros que possui.

Seu parque industrial vem tendo desenvolvimento apreciável. Salientam-se entre suas indústrias: as fábricas de tecidos, de calçados, de bebidas, curtumes e diversas fábricas de preparação de óleos vegetais.

A cidade reflete em seu aspecto tôda a prosperidade econômica. É uma cidade moderna, cujo desenvolvimento se torna cada vez maior.

Além de Fortaleza, outras cidades merecem relêvo na orla litorânea cearense, não raras vezes apresentando importância histórica. Realmente, situadas à margem dos principais rios que deságuam no Atlântico, quase tôdas surgiram na época colonial como pequenos portos de escoamento dos produtos da capitania. Aracati (8 952 habitantes), na embocadura do rio Jaguaribe, graças à sua situação privilegiada em relação aos mercados de Recife e Salvador, foi o primeiro grande centro comercial do Ceará, transitando pelo seu pôrto a maior parte das riquezas cearenses. Araraú (1 807 habitantes), à foz do rio do mesmo nome, que constituía a via natural de comunicações entre os sertões do norte e o litoral, era o escoadouro dos produtos dêste vale e daqueles sertões. Em tôrno de Granja (3 790 habitantes), à margem do Coreaú, gravitavam os lugarejos da serra de Ibiapaba e do interior norte-piauiense.

Comumente, eram essas cidades pontos extremos das estradas boiadeiras, que as ligavam aos centros pastoris do sertão. Aos seus portos vinham com freqüência as boiadas ou os carros-de-boi, trazendo a produção do interior, que daí era exportada em pequenos barcos e sumacas.

Quando no Ceará se desenvolveu a indústria da carne sêca, iniciou-se para essas cidades, então pequenos povoados, uma fase de grande prosperidade. No litoral encontravam-se os principais elementos requeridos pela indústria do charque: o sal em abundância e os ventos constantes para a secagem da carne. Por isso e por ser mais fácil o transporte da mercadoria, que das fábricas podia ser levada diretamente para as embarcações, percebeu-se a conveniência de se erguerem nos próprios portos as fábricas de beneficiamento da carne, as "oficinas"² ou charqueadas, levando-se para aí as reses a serem industrializadas.

Grande êxito logrou a indústria do charque nos referidos povoados, proporcionando-lhes um desenvolvimento apreciável, compreensível sobretudo quando se considera que o produto era o de maior importância comercial da capitania.

Hoje, apesar da decadência, o charque cearense ainda goza de certa prosperidade. Anima o seu comércio uma variedade grande de produtos, salientando-se: o sal, a cêra de carnaúba, o pescado, a farinha e a goma de mandioca, as rapaduras, a aguardente, a mamona, a oiticica, o algodão e os cereais. Dentre as suas indústrias distinguem-se: a extração do sal, da cêra de carnaúba e também as fábricas de aguardente e de rapadura.

Entretanto, não gozam da mesma importância comercial de antigamente, porque o estabelecimento de novas vias de comunicação terrestre, mormente da Rêde de Viação Cearense, desviou o movimento mercantil para Fortaleza e Camocim.

Presentemente, depois de Fortaleza, Camocim é o principal pôrto do estado, para onde aquela importante ferrovia encaminha grande parte da produção da serra de Ibiapaba, dos sertões de Santa Quitéria e do norte-piauiense.

A cidade, situada na enseada do mesmo nome, numa planície arenosa, alguns quilômetros distante da barra do rio, é uma das mais populosas e progressistas do estado (8 299 habitantes). No seu comércio, distinguem-se, sobretudo, as transações de sal, de cêra de carnaúba, de farinha de mandioca, de mamona, de cereais, de algodão, de pescado, de couros, de goma de mandioca. Quanto às suas indústrias, além da cêra de carnaúba e da extração do sal, mencionam-se: os descarçadores de algodão, fabricação de farinha e de goma de mandioca e a indústria caseira de chapêus de palha.

Independentemente da função de pôrto, outras cidades se desenvolveram na região em estudo. Situam-se mais para o interior, nas áreas em que a agricultura logrou maior prosperidade. São centros de comércio e industrialização dos produtos agrícolas.

Uma delas é Cascavel (2 752 habitantes), cujas feiras semanais são importantes, fazendo convergir para aí a produção das zonas vizinhas. Outra é Itapipoca (4 500 habitantes),

² Designação que receberam as charqueadas quando de sua origem, na época colonial.

na base da serra de Uruburetama, e cuja origem e desenvolvimento se explicam pela sua função de intermediária das trocas comerciais entre a serra e Fortaleza. Finalmente, cabe mencionar Caucaia (3 899 habitantes), localizada na fértil zona agrícola das vizinhanças da capital.

Sertão — O sertão se estende através do grande planalto cristalino que forma o interior do estado. No seu conjunto, essa região apresenta o mesmo tipo de *habitat*: não obstante ser tóda ocupada, oferece um povoamento esparsa, ocupando-se a sua população apenas em áreas muito reduzidas. Ocasinou êsse *habitat* disperso o regime pastoril que a dominou por muitos anos e ainda hoje é o principal esteio de sua economia. Realmente, tudo favoreceu aí, desde cedo, a formação de um regime econômico baseado na pecuária, que iria dar um cunho diferente ao povoamento da região.

O sertão se caracteriza essencialmente pelo seu clima semi-árido. As temperaturas são elevadas e a pluviosidade reduzida — geralmente 700 a 800 milímetros anuais, havendo zonas em que se reduz a 300 ou 400 milímetros. Acresça-se que se estas chuvas nos anos normais caem em um período marcado de três a quatro meses, no outono, o ano normal é quase uma exceção na região: não raras vèzes as chuvas escasseiam ou faltam inteiramente, produzindo as sêcas, e outras vèzes há o excesso de precipitações, originando as enchentes.

Mesmo em condições normais, êsse clima não propicia o estabelecimento das culturas. Além do mais, a semi-aridez dá como resultado a formação de solos rasos e, às vèzes, até mesmo inexistentes. São ainda solos desprotegidos contra o calor, pois só se pôde desenvolver aí uma vegetação rala, adaptada ao meio: a caatinga.

Na época da colonização, como os recursos que então se possuíam, um único gênero de vida parecia possível nessas paisagens: a pecuária.

A abundância de pastagens naturais e os solos de natureza salina permitiam ao gado multiplicar-se rapidamente. O relêvo suave do planalto e a vegetação de caatinga facilitaram a expansão dos rebanhos. Os currais, as fazendas cobriam o sertão cearense.

Um extraordinário movimento de boiadas animou a região. Através das estradas boia-deiras transitavam os animais incessantemente e também, algumas vèzes, os carros-de-boi carregando enormes cargas, quase sempre couros e peles, com destino aos mercados consumidores. A conhecida “estrada das boiadas” ou “caminho dos Inhamuns”, por exemplo, drenava o gado do Piauí e do interior do Ceará para os mercados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Outras, como a “estrada geral do Jaguaribe”, ligando os centros pastoris aos portos do litoral, despejavam nestes os bois e os couros do sertão.

As dificuldades e desvantagens provenientes da distância a que ficava o sertão cearense dos principais mercados consumidores do gado nordestino, Recife e Salvador, levaram os criadores a fazer o comércio do seu produto já industrializado, reduzindo a carne a grandes mantas, que se salgavam a fim de resistirem às longas caminhadas. Tornava-se, assim, mais fácil o transporte da mercadoria e ficava anulada concorrência dos mercados do Rio Grande do Norte e Paraíba, privilegiados pela maior proximidade de Recife e Salvador.

O novo produto encontrou grande aceitação por parte dos comerciantes, alcançando um tal êxito que a “carne do Ceará” se tornou quase o exclusivo ramo de negócio da capitania durante o século XVIII. Com o foi dito, as “oficinas” ou charqueadas sucederam-se na embocadura dos principais rios, de onde iriam estender-se ao Piauí e ao Rio Grande do Norte. Com o charque, novos horizontes rasgaram-se à pecuária sertaneja, que em desenvolvimento progressivo atingiu o seu clímax.

O sertão, pois, além de desbravado, foi povoado pela pecuária. Através dos campos que o gado conquistava, ia-se distribuindo a população esparsamente, em pequenos núcleos distantes, tal como é característico nas populações pastoris. A água, por tratar-se de uma região semi-árida, norteava grandemente a localização dos grupos populacionais, atraindo-os para as margens dos rios e lagoas.

O sertão, porém, não permaneceu domínio exclusivo do gado. Sem dúvida, no seu desenvolvimento, a agricultura veio trazer apreciável contribuição. Região bastante extensa, apesar de no seu conjunto apresentar-se árido, o sertão dispõe de áreas menos castigadas pela carência de água, como as vizinhas das serras, geralmente mais chuvosas, ou certos vales que conservam umidade durante grande parte do ano. Principalmente nestas áreas,

desenvolveram-se algumas culturas, que se tornaram fonte de riqueza para êle. Desde os fins do século XVIII, começou-se a cogitar aí do algodão como produto comercial. Planta adaptável ao clima quente, não requerendo grande umidade, o algodão logrou êxito no sertão, formando-se os grupos cultivadores do produto. Ao lado do algodão, outras plantas nativas na região, como a oiticica e a carnaúba e além destas a mamona, passaram a ser objeto de exploração por parte da população sertaneja.

O homem, quer por iniciativa particular, quer pela ação governamental, através do Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas, auxiliou o surto da agricultura no sertão. De fato, construiu barragens, poços, açudes, tornando a região mais adaptável às culturas³. Hoje, aquelas áreas mais férteis já se nota inclusive uma regular policultura de cereais e frutas.

As áreas agrícolas condensaram um povoamento mais denso dentro do sertão, permitindo distinguir zonas mais povoadas. O baixo Jaguaribe, por exemplo, é uma dessas áreas que se salientam na região pela sua situação econômica e demográfica, graças, principalmente, aos seus solos aluvionais que se abrem em várzeas férteis onde vicejam os carnaubais e os oiticicais que atraíram e fixaram a população.

Outra zona que se distingue na região é o sertão do Salgado e do Jaguaribe, que se inicia na confluência dos dois rios, abrangendo a área compreendida entre o alto e o médio curso do Salgado e o vale do Jaguaribe. Vizinha da chapada do Araripe, é a zona mais elevada do sertão, achando-se acima dos 200 metros de altitude e mais úmida, recebendo 800 milímetros de chuvas anuais, em média. Semelhantemente ao baixo Jaguaribe, possui largos depósitos aluvionais, que se abrem em várzeas em uma e outra margem do Salgado e do Jaguaribe e ao longo de uma série de rios menores e lagoas que existem na zona. Prestando-se às mais diversas culturas intertropicais, estas várzeas são a área em que mais se desenvolveu a agricultura sertaneja. Daí condensar uma população mais numerosa que explora sobretudo o algodão, sua principal riqueza.

Cabe também salientar a área compreendida pelo vale médio do Acaraú e as encostas da serra de Meruoca onde as boas condições naturais permitiram igualmente o desenvolvimento agrícola, condensando a população. Aí, a maior umidade e os solos férteis deram prosperidade às culturas do algodão, do milho, da mandioca, do fumo, dos cereais. Pode-se citar ainda a parte central do sertão, compreendida pelos municípios de Quixadá, Quixeramobim e Senador Pompeu, onde tomou grande impulso a cultura algodoeira.

Fora dessas áreas, onde domina a pecuária, o povoamento é esparso: no vale médio do Jaguaribe, na parte centro-oeste do estado e no sudoeste. É no sudoeste que se assinala o mínimo de densidade demográfica do estado. Aí se localizam os sertões de Inhamuns, no alto curso do Jaguaribe, e o sertão de Crateús, no alto curso do Poti, os de maior aridez do Ceará. Ricos em campos naturais, foram desde cedo uma das mais importantes áreas criadoras do estado. Grande parte do gado que o Ceará colonial enviava para os mercados consumidores do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e mesmo Bahia criava-se nos sertões do sudoeste. A "estrada das boiadas" ou "caminho dos Inhamuns", que já se disse uma das mais importantes estradas boiadeiras do Ceará, drenava justamente o gado do interior do Piauí e dêsses sertões para os mercados do litoral. Mesmo depois da criação das "oficinas", quando o gado do Ceará deixou quase inteiramente de ser exportado, as reses dos Inhamuns faziam exceção a esta regra, sendo muito procuradas pelos boiadeiros, sobretudo para serem encaminhadas às distantes regiões da Bahia, onde iam abastecer os centros mineiros de faiscação. Além da pecuária, pratica-se nos sertões do sudoeste apenas uma pequena agricultura de subsistência nos vales dos rios, explotando-se alguns produtos sertanejos, como a mamona, por exemplo. Quanto ao vale médio do Jaguaribe e à área centro-norte do estado, não são tão secos quanto o sudoeste. Por isto, embora sejam áreas pastoris, sobretudo, sua agricultura é menos incipiente e seu povoamento menos esparso.

Do ponto de vista urbano, o sertão conta com cidades importantes, onde, a par das transações comerciais, realiza-se o beneficiamento dos produtos agrícolas e pastoris: realiza-

³ O sertão cearense já conta com açudes públicos de capacidade elevada: Cedro (125,7 hm³), Jaibara (104,4 hm³), Lima Campos (58,3 hm³), Forquilha (50,1 hm³), Joaquim Távora (24,1 hm³), Santo Antônio de Ruças (24 hm³), Pombas (20 hm³).

se o beneficiamento do algodão, extrai-se a cêra de carnaúba, o óleo da oiticica e da mamona, há indústrias importantes de curtimento de couros e peles.

É interessante salientar que a pecuária, além de ter sido o principal fator de fixação do homem rural à terra, teve grande influência na origem das cidades sertanejas, quase tôdas antigas fazendas de gado. As famosas estradas boiadeiras, sobretudo, tiveram papel preponderante na formação dos primeiros núcleos urbanos do sertão. Quando duas estradas se cruzavam ou nos pontos até onde elas eram transitadas pelos carros-de-boi, as populações que aí se localizavam ganhavam logo mais alento, passando a nuclear zonas de influência comercial. Tal a origem de Icó, Quixeramobim, Sobral, dos mais antigos centros comerciais do Ceará. Presentemente são as estradas de ferro e de rodagem que, substituindo as estradas boiadeiras, apresentam grande importância como fator de desenvolvimento das cidades. Facilitando suas transações comerciais, elas têm condicionado, em grande parte, o progresso das mesmas.

A mais importante das cidades sertanejas do Ceará é Sobral (22 682 habitantes). Graças à sua posição geográfica no vale médio do Acaraú, justamente no ponto em que se cruzam as estradas que vêm do litoral para o sertão e as serras vizinhas, desde os tempos coloniais Sobral logrou salientar-se como um dos principais centros comerciais e urbanos do Ceará. Primitivamente seu sítio foi a fazenda de criar "Caiçara", mais tarde doada para patrimônio da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, ao redor da qual se formou o povoado. Além de achar-se no ponto natural de entroncamento das comunicações que se faziam entre o litoral, as serras e o sertão, o pequeno povoado era o local até onde era transitada pelos carros-de-boi a importante estrada que subia o vale do Acaraú. Por isso Sobral tornou-se o centro de distribuição de mercadorias de tôda a próspera zona norte-ocidental do Ceará. Centralizava o comércio do vale do Acaraú, dos sertões de Santa Quitéria e de Crateús.

Localizada no entroncamento da Rêde de Viação Cearense com a rodovia tronco Fortaleza-Teresina conserva ainda hoje a hegemonia econômica em tôda a região norte ocidental do Ceará, em virtude da sua situação privilegiada. É o empório de distribuição desta região. Apesar da construção das estradas de rodagem para Fortaleza, deslocando para esta grande parte das suas transações, é grande centro comercial. Vários são os produtos que a lavoura, a pecuária ou o extrativismo oferecem ao seu comércio: a oiticica, o algodão, a cêra de carnaúba, a farinha-de-mandioca, o feijão, a mamona, o arroz, o café, a cana-de-açúcar, as frutas, o gado, os couros, as peles, os queijos, o toucinho, a manteiga.

Também a indústria sobralense se acha desenvolvida, sendo representada por fábricas diversas: de fiação e tecidos, de mosaicos, de bebidas, de sabão, de extração de óleos vegetais. Ainda é importante notar ser apreciável a sua indústria de chapéus de palha de carnaúba, os conhecidos chapéus de Sobral, de rêdes de tucum, artefatos de couro e manufatura de rendas.

Sobral é, pois, uma cidade de relêvo, das mais importantes do Ceará pelo seu comércio e pela sua indústria. Pode ser chamada a capital econômica da região norte-ocidental do estado. Seu progresso reflete-se no desenvolvimento da cidade, não só sob o aspecto urbano, mas também social e cultural.

Outras cidades se salientam na região. No sertão do Salgado e do Jaguaribe, distingue-se Iguatu (10 063 habitantes), à margem do rio Jaguaribe. Servida por estrada de ferro e de rodagem, Iguatu é o principal centro comercial desta zona. Sobretudo, distingue-se pelas suas transações de algodão, do qual é o maior exportador dentro do Ceará. Também suas indústrias giram em grande parte em tórno do beneficiamento do "ouro branco", dispondo para isso de máquinas de montagem moderna. No sertão do Salgado e do Jaguaribe, merecem ser citadas ainda as cidades de Cedro e Icó. Cedro (4 431 habitantes), servida pela Rêde de Viação Cearense, é outro centro importante de comércio e beneficiamento do algodão principalmente. Icó (3 953 habitantes), à margem do rio Salgado, apresenta uma grande importância histórica, tendo sido o mais importante centro de população do interior cearense na época da colonização. Achava-se localizada no ponto de cruzamento das duas principais estradas boiadeiras do Ceará colonial: aquela que, vindo de Aracati, seguia para Crato e a outra que, partindo dos sertões piauienses, ia para Recife pelo caminho de Campina Grande. Icó constituiu-se o centro de convergência para os negociantes do sul do Piauí e do Ceará. Aí se preparavam as caravanas de comerciantes que seguiam para

Recife pelo caminho de Campina Grande, levando os gêneros do comércio local. Algumas vezes essas caravanas voltavam por mar trazendo novas mercadorias adquiridas, em barcos, até Aracati, daí seguindo em carros-de-boi até Icó, onde eram distribuídas. Icó tornou-se o entreposto de quantas permutas se faziam em toda a zona do Cariri, dos Inhamuns e dos sertões do sul do Piauí.

Com a construção das estradas de ferro e de rodagem e o deslocamento do eixo comercial para outras regiões, Icó entrou em declínio. Porém, depois da construção da rodovia Fortaleza-Salvador e da rodovia Central do Piauí, que a comunicam com a capital do estado, os municípios vizinhos e os estados da Paraíba e Pernambuco, vêm apresentando certo ressurgimento. Ponto de cruzamento destas duas rodovias, possui um comércio relativamente ativo, desenvolvendo-se aí, igualmente, uma regular industrialização dos produtos sertanejos.

Na parte central do estado são importantes: Quixadá, Quixeramobim e Senador Pompeu. Quixadá (5 417 habitantes), no vale do rio Sitiá, ligando-se à capital e ao sul do estado pela Rêde de Viação Cearense, é o principal entreposto comercial desta área. Quixeramobim (3 052 habitantes) e Senador Pompeu (5 158 habitantes), também servidas por estrada de ferro, são outros centros comerciais e industriais importantes dos produtos da zona, sobretudo do algodão, da oiticica, da carnaúba e do gado.

No baixo Jaguaribe, o entreposto regional é Aracati, cidade litorânea. Entretanto também merecem menção nesta zona como centros comerciais e industriais as cidades de Ruças (5 531 habitantes), Limoeiro do Norte (4 647 habitantes), e Jaguaruana (2 349 habitantes).

Nos sertões do sudoeste, nota-se Crateús (7 391 habitantes), à margem esquerda do rio Poti. Crateús é a mais ocidental das cidades cearenses. Graças à sua posição geográfica, sendo a mais próxima do boqueirão do Poti, única passagem fácil aberta nas serras que separam o Ceará do Piauí, Crateús representou no passado uma função de certa importância. Para ela era encaminhada a galaria piauiense que vinha pelo boqueirão do Poti e se destinava às grandes feiras de Igarapu, Goiana, També, Pedra do Fogo, Itabaiana e Campina Grande. Servida pela Rêde de Viação Cearense, é também no presente uma cidade importante, de comércio desenvolvido.

É o entreposto regional do sudoeste cearense, comerciando não só com os sertões de Sobral como também com o Piauí. Os principais produtos do seu comércio são o algodão, a mamona, e a farinha-de-mandioca.

AS "SERRAS"

Encravados na área sertaneja, salientando-se no conjunto do seu povoamento ralo e esparso, encontram-se importantes focos de população. Conforme já se fez ver, tais focos populacionais correspondem às áreas serranas.

Quebrando a sua monotonia, movimentando o seu relêvo, alteiam-se no sertão cearense algumas "serras"⁴ que exerceram grande atração sobre a população do interior do estado. São verdadeiros oásis dentro do sertão do Ceará. Do ponto de vista climático, são as áreas mais privilegiadas do estado. Graças ao relêvo, gozam de pluviosidade abundante, recebendo em média mais de 1 000 milímetros anuais de chuvas. A par disso, em geral possuem lençóis de água subterrânea ou fontes, que muito concorrem para lhes propiciar um abastecimento de água abundante. Assim, acham-se livres dos efeitos diretos das secas catastróficas. Além do mais, não obstante serem geologicamente diferentes, essas "serras" apresentam como traço comum a fertilidade de seus solos. Suas terras são ricas, revestindo-se de uma vegetação mais uniforme, com matas, atualmente reduzidas pela agricultura. Tais fatores as tornaram o refúgio e o celeiro da população sertaneja. Desde os tempos coloniais, as "serras" se constituíram as áreas agrícolas do estado. Enquanto no planalto se desenvolvia a pecuária, nas "serras", à medida que iam sendo ocupadas, implantava-se a agricultura.

Durante muito tempo, elas permaneceram pouco habitadas pelos colonizadores. Conforme se viu, o gado constituiu a quase única preocupação do Ceará durante longo tempo.

⁴ O termo "serra" é aqui usado no sentido regional, significando relêvo e abrangendo também a área de "pé de serra".

Como era natural, a pecuária disseminou-se pelo planalto, evitando as áreas mais acidentadas da região, que passaram a constituir o refúgio para o gentio.

Enquanto no planalto já prosperava grandemente a pecuária dando margem a um comércio ativo, nas "serras" fazia-se somente uma pequena agricultura de "inverno"⁵: milho, mandioca, arroz, cana. Raramente esses produtos eram encontrados nos mercados, pois eram gêneros que não se destinavam à exportação e só excepcionalmente eram levados de um para outro lado da província.

Todavia, graças às excelentes condições naturais das "serras", pouco a pouco as culturas foram logrando um apreciável desenvolvimento. A sua produção crescia cada vez mais, aumentando uma industrialização rudimentar de alguns de seus produtos: multiplicavam-se as "boiadeiras"⁶ para o fabrico da farinha de mandioca, as engenhocas para o preparo da rapadura, os teares para a fiação de rêdes ou tecidos grosseiros.

O desenvolvimento agrícola dessas áreas foi crescente, tendo logrado alcançar grande impulso o algodão, a cana-de-açúcar e o café. Tais produtos vieram a tornar-se produtos de exportação levando-as a grande prosperidade.

Contribuíram para o afluxo da população para as "serras" e o seu desenvolvimento agrícola, as sêcas que assolavam o sertão e para aí atraíram grande número de habitantes, cuja principal atividade se tornou a agricultura. Ainda hoje, por ocasião das crises climáticas, acolhem grande número de flagelados que passam, não raras vezes, a trabalhar nas suas lavouras, engrossando a população.

As "serras" se tornaram, assim, fortes centros de produção agrícola no Ceará. São, de fato, o verdadeiro celeiro de produção do estado e os principais centros econômicos. Eis porque são também os seus mais importantes focos de população.

A serra de Baturité, grande maciço montanhoso que se ergue uns 60 quilômetros a sudeste de Fortaleza, é o mais importante núcleo populacional do estado.

Acha-se no limite entre o litoral e o sertão, abrangendo uma área de mais de 1 000 quilômetros quadrados. Do ponto de vista geológico, difere das outras "serras" cearenses. É formada de rochas proterozóicas, que se acham dobradas e sobrepostas, algumas vezes injetadas por granitos que formam as suas partes mais altas. Encontrando-se nas vizinhanças do mar e sendo uma área elevada, ultrapassando algumas vezes os 700 metros de altitude, a serra de Baturité apresenta uma pluviosidade média de 1 600 mm anuais. Drenam-na diversos rios, entre os quais salientam-se o Pacoti e o Aracoiaíba.

Seus solos, resultantes da decomposição de rochas metamórficas e eruptivas, apresentam-se sempre úmidos, recobrimo-os uma vegetação rica que, à medida que a serra se eleva, se torna mais luxuriante, até a predominância da mata.

Bem cedo relativamente, a serra de Baturité tornou-se um importante centro de produção agrícola. Em meados do século XIX, já era grande produtora de algodão, cana e café. Sobretudo depois da famosa sêca de 1845, que arrastou para aí grande número de retirantes sertanejos, logrou uma prosperidade intensa. Suas matas, hoje muito reduzidas, foram substituídas pelas culturas. Contribuiu grandemente para a sua prosperidade a proximidade do mar e a facilidade de exportação de seus produtos pelo pôrto de Fortaleza. Com a construção da Estrada de Ferro de Baturité em 1872, sobretudo com a finalidade de garantir o escoamento da produção para Fortaleza, ficou assegurado o progresso agrícola da zona.

Hoje, a serra de Baturité é um grande centro de produção de frutas, de cereais, de cana-de-açúcar e principalmente do café, que lhe cobrem as encostas e o cimo. Nas partes mais baixas, nas proximidades do sertão, aparecem também produtos sertanejos, como o algodão e a carnaúba.

Marcando a sua encosta oriental e o alto da serra, alinham-se numerosas cidades e vilas, que se desenvolveram como centros de comércio de seus produtos, diversas delas servidas pela estrada de ferro.

A mais importante é Baturité (5 194 habitantes), o grande entreposto regional da serra. Baturité foi primitivamente um aldeamento de índios, a Missão de Nossa Senhora da Palma.

⁵ No Nordeste, chama-se "inverno" a estação chuvosa.

⁶ Casa de farinha.

Localizada no coração da serra, tornou-se centro de comércio ativo, um dos principais intermediários das trocas que se realizam entre a serra e a capital do estado através da Rêde de Viação Cearense e das rodovias. A sua indústria consta, sobretudo, da fabricação da cêra de carnaúba, da aguardente e do beneficiamento do algodão.

Outro importante núcleo de população no Ceará é a chapada do Araripe, no centro-sul do estado. Trata-se de uma grande chapada de arenito cretáceo com cêra de 180 quilômetros de extensão e aproximadamente 700 metros de altitude, situada em pleno sertão.

Devido à grande distância a que se encontra do litoral, a queda de chuvas anualmente é aí menor que nas outras serras cearenses, mas é suficiente, pois em extensos trechos a pluviosidade é superior a 1 000 milímetros anuais. Além disso, graças à sua constituição geológica, numerosos lençóis d'água brotam em suas encostas. Seus solos são profundos e húmidos, donde apresentarem grande fertilidade.

A encosta setentrional dessa chapada forma juntamente com o "vale do Cariri" — uma grande depressão que se estende na sua base constituindo um prolongamento daquela encosta — a zona do Cariri, na qual se pratica intensamente a agricultura e onde já se vem notando o uso de métodos agrícolas racionais. Tôda esta área é drenada por uma série de rios pequenos, mas perenes graças aos lençóis d'água. Seus vales se acham grandemente aproveitados, mormente pela cana-de-açúcar, que desde os tempos coloniais logrou um grande desenvolvimento no Cariri, dando margem a uma indústria rudimentar de rapadura, hoje muito importante na economia da zona. Além da cana-de-açúcar, cultivam-se aí: a mandioca, o arroz, o milho, o feijão, o algodão, o fumo e as frutas.

A par das condições naturais propiciando o desenvolvimento da agricultura, explicam o povoamento denso do Cariri certas razões históricas. Uma delas é a cata de minas. As explorações de metais que aí se realizaram não ofereceram resultados concretos, mas sobretudo a exploração do ouro em Missão Velha provocou um grande afluxo de população para a zona. Esta população aí se fixou, dedicando-se ao cultivo da terra e colaborando, assim, no seu desenvolvimento.

Também contribuiu grandemente para a afluência da população para a zona do Cariri a simpatia que despertou nos sertanejos a pessoa do padre CÍCERO, residente em Juazeiro do Norte e a divulgação, mais tarde, dos milagres que aí vinham sendo realizados pela beata MARIA DE ARAÚJO. A vida simples e caridosa do padre atraiu a atenção dos sertanejos que passaram a procurar na sua pessoa um lenitivo para seus sofrimentos. Para Juazeiro convergiam numerosos os romeiros de todo o sertão, que ouviam suas práticas e seguiam seus conselhos. Quando se divulgaram notícias de milagres que aí se vinham operando, a credência popular arrastou para Juazeiro numerosos peregrinos dos estados do Nordeste, do Leste e do Centro.

A cidade do padre CÍCERO, a princípio um pequeno povoado, tornou-se o mais populoso centro urbano do sertão do Ceará (41 999 habitantes). O padre CÍCERO desenvolveu aí a prática do artesanato, as pequenas indústrias e o ensino profissional. Em Juazeiro realizam-se os mais variados trabalhos em couro, em ferro e em prata. A cidade dispõe também de fábricas de ladrilhos, de beneficiamento do algodão e teares. Conta nada menos de 700 estabelecimentos industriais⁷.

Igualmente do ponto de vista comercial, Juazeiro merece relêvo. São importantes as suas feiras realizadas semanalmente, às quais comparecem comerciantes de numerosas cidades não só cearenses, mas também dos estados vizinhos. Nestas feiras, expõem-se ao comércio, além dos variadíssimos objetos de sua indústria, os produtos agrícolas: cana-de-açúcar, frutas, algodão, cereais e leguminosas.

A principal cidade do Cariri é, porém, Crato (14 464 habitantes). Ponto terminal da Rêde de Viação Cearense, tornou-se o centro de convergência das trocas comerciais da zona, para onde se encaminhava a produção das praças vizinhas, inclusive de Pernambuco, do Piauí e da Paraíba. Sua vida mercantil é intensa, o que se evidencia pela criação do Banco de Cariri e do Banco Caixaerial do Crato, além de uma agência do Banco do Brasil. São importantes principalmente as suas vendas de rapaduras, de farinha-de-mandioca, de ce-

⁷ *Almanaque do Cariri* (1949), p. 252.

reais, de aguardente, de mamona, de fumo e de frutas. Graças ao seu comércio, Crato é uma das cidades mais movimentadas do interior cearense. É considerada a capital da zona do Cariri, sendo também um importante centro social.

Finalmente um terceiro grande núcleo de população no Ceará é a porção mais elevada da serra Grande ou de Ibiapaba, desde as suas primeiras ramificações, a uns 45 quilômetros do litoral, até o boqueirão do Poti.

O grande paredão que é a serra de Ibiapaba, oferecendo altitudes de mais de 1 000 metros, não passa de uma grande *cuesta*, formada de arenitos cretáceos com falsa estratificação encerrando folhelhos calcários. O trecho acima aludido é o mais chuvoso do estado, apresentando uma pluviosidade média anual superior a 1 600 milímetros. Através dêle, há áreas com características naturais diferentes, o que repercute intensamente na distribuição local da população.

A encosta oriental, acima dos 700 metros de altitude, apresenta a formação de grande patamar, onde as terras férteis, recobertas de vegetação, prestam-se às mais diversas culturas. Cultiva-se aí principalmente o café e, além dêste, a cana-de-açúcar, a mandioca e as frutas.

A porção mais rica da serra de Ibiapaba é, porém, a parte mais alta. De solos muito férteis recobertos por uma vegetação luxuriante, outrora formada de densas matas que as culturas reduziram, apresenta vários lençóis subterrâneos. Tôda ela é bastante úmida, com brejos ótimos para a agricultura, nos quais se cultiva a cana-de-açúcar, sobretudo, mas também o milho, o feijão, o fumo, o café e as frutas.

Na vertente ocidental da *cuesta*, os solos são mais pobres que nas áreas anteriores e a vegetação mais raquítica. A produção agrícola reduz-se à plantação de feijão, milho e mandioca. Começa-se a fazer a criação do gado, que apresenta um regular desenvolvimento. Alguns trechos, os de solos mais pobres, revestem-se de capim agreste, sendo eminentemente criadores. É importante notar que na vertente ocidental da Ibiapaba medra espontaneamente e em grandes proporções o caroá, que os habitantes empregam na fabricação de cordas e peias e também numa feitura mais reduzida de rêdes.

Como é fácil concluir, é especialmente nas duas áreas primeiro citadas, onde as melhores condições naturais permitem maior desenvolvimento da agricultura, que mais se adensa a população. Realmente, nota-se que o alto da serra e sua encosta oriental são os trechos mais densamente povoados. São assinaladas por uma série de cidades e vilas que se dispõem acentuadamente em forma linear acompanhando a serra em sentido longitudinal. No sopé, a população se rarefaz acentuadamente e ainda mais na vertente ocidental.

A principal cidade da Ibiapaba é Ipu (5 874 habitantes), o seu entreposto regional. Nasceu em tórno de uma pequena igreja construída por missionários que para a "serra" se dirigiram visando à catequese de índios. A sua situação geográfica ao pé da serra, juntamente com as vantagens que lhe proporcionou a Rêde de Viação Cearense, fizeram de Ipu um importante centro comercial. Para ela converge grande parte da produção da zona, enviada principalmente para Sobral. São grandes, sobretudo, as suas transações de algodão, mamona, farinha-de-mandioca, rapadura, aguardente, cereais, peles e couros. Sua indústria é representada principalmente pela fabricação da farinha-de-mandioca, de rapadura e de aguardente.

Concluindo, é interessante ressaltar a nítida relação entre a distribuição da população cearense, o relêvo e a distribuição das chuvas. As linhas principais da distribuição da população se aproximam das do relêvo, graças à influência que a topografia exerce na distribuição das chuvas. Daí as serras, com pluviosidade elevada, serem os principais centros de população do Ceará.

A relação entre o povoamento, o relêvo e as chuvas é ainda sensível na região litorânea: não é ao longo do oceano, mas um pouco mais para interior, onde uma pequena altitude favoreceu a condensação, que mais se adensa a população. De fato, a orla litorânea é pouco mais povoada que o sertão, ao passo que as encostas da serra de Uruburetama apresentam densidades elevadas.

Por outro lado, as áreas mais áridas são as menos povoadas do estado. O sertão, o grande planalto semi-árido, é a região que oferece o mínimo de pressão demográfica. Na parte sul ocidental do estado, nos sertões de Inhamuns e Crateús, os mais secos do Ceará,

assinalam-se suas menores densidades de população. Enquanto nas áreas serranas a densidade média é de 33 habitantes por quilômetro quadrado aproximadamente, aí é apenas de uns 5 habitantes por quilômetro quadrado.

Em suma, os principais aspectos do mapa são explicados pelo relevo e pelas chuvas, o que é um reflexo do clima semi-árido que domina em grande parte o Ceará.

É preciso fazer sentir, entretanto, a influência dos rios e das fontes no que diz respeito à fixação da população. Se no conjunto as chuvas explicam as linhas gerais do povoamento, os pormenores são explicados sobretudo por aqueles fatores. Dentro de cada zona, o que fixa principalmente o homem ao solo são os rios, as fontes, os poços. Assim é que nas próprias áreas serranas, onde os lençóis são numerosos, é aí que a população se adensa. Um exemplo típico disto é a zona do Cariri. Quanto aos rios, é quase desnecessário mostrar como condensaram o povoamento. Quer na região litorânea o Acaraú, o Aracati-Mirim, o Aracati-Açu, o Mundaú, quer no sertão o Jaguaribe, o Salgado e outros, ressaltam com seus vales ocupados.

Os fatores naturais, tiveram, portanto, grande importância na distribuição da população cearense. É preciso não esquecer, porém, que também o homem teve sua influência no povoamento do Ceará. É particularmente importante citar, sob este ponto de vista, a influência das estradas de ferro e de rodagem, facilitando sobretudo o desenvolvimento das cidades, e as obras do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, tornando certas áreas mais favoráveis ao estabelecimento do homem, propiciando, assim, a sua ocupação.

BIBLIOGRAFIA

Livros e Folhetos

- 1) *Almanaque do Cariri*, organizado por FRANCISCO DE ASSIS LEITE. Crato, 1949, 1.^a edição. LXXX-432 páginas. Ilustrado.
- 2) CRANDALL (Roderic): *Geografia, Geologia, Suprimento d'Água e Açudagem nos Estados Orientais do Nordeste do Brasil (Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba)*. 131 páginas, 2 figuras, 8 seções geológicas, 50 figuras fora do texto, um mapa fora do texto em côres. Ministério da Viação e Obras Públicas. Inspeção de Obras Contra as Secas. Rio de Janeiro, 1940.
- 3) DENIS (Pierre): "Amérique du Sud — Le Brésil". *Géographie Universelle*, tome XV, Première Partie. 210 páginas, 36 mapas e figuras, 64 fotografias fora do texto. Librairie Armand Colin. Paris, 1927.
- 4) *Divisão Regional do Brasil. Região Nordeste*. Seção de Estudos Geográficos. C.N.G. Rio de Janeiro, 1950.
- 5) GIRÃO (Raimundo): *História do Ceará*. Monografia n.º 12. *História Econômica do Ceará*. 460 páginas. Coleção Instituto do Ceará, 1947.
- 6) GIRÃO (Raimundo) e MARTINS FILHO (Antônio): *O Ceará*. 470 páginas, ilustrado com várias fotografias e um mapa do estado. Editora Fortaleza, 1939.
- 7) GIRÃO (Raimundo): *A Cidade de Fortaleza*. 60 páginas, 10 gravuras e 2 mapas. Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Fortaleza, 1945.
- 8) HARTT (Charles Frederick): *Geologia e Geografia Física do Brasil*. Tradução de EDGAR SUSSEKIND e ELIAS DOLIANITI. 649 páginas, 94 figuras. Biblioteca Pedagógica Brasileira, série V, vol. 200. São Paulo, 1941.
- 9) OLIVEIRA (Avelino Inácio de), LEONARDOS (Othon Henry): *Geologia do Brasil*. 2.^a edição. 202 páginas, 37 estampas. Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1943.
- 10) PRADO JÚNIOR (Caio): *Formação do Brasil Contemporâneo — Colônia*. 2.^a edição. 389 páginas, ilustrado, Editora Brasiliense Limitada. São Paulo, 1945.
- 11) UCHOA (Waldery): *Fortaleza. Na sua expressão histórica, geográfica e estatística*. Concurso Cidade de Fortaleza. 55 páginas, 1 documentário fotográfico e cartográfico, 24 gravuras.

Periódicos

- 1) ALVES (Joaquim): "Agentes Antropogeográficos das Regiões Serranas do Ceará". *Boletim Geográfico*, ano VI, julho de 1948, n.º 64, pp. 379-387.
- 2) CATÃO (Pedro): "Baturité". *Revista do Instituto do Ceará*, vol. 51, 1937, pp. 49-99.
- 3) MONBEIG (Pierre): "Notas sobre a Geografia Humana do Nordeste do Brasil". *Boletim Geográfico*, ano IV, agosto de 1948, n.º 65, pp. 467-473.

- 4) MONBEIG (Pierre): "Observações relativas à distribuição das densidades de população no estado do Ceará". *Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, n.º 5, novembro de 1944, pp. 79-84. São Paulo.
- 5) POMPEU SOBRINHO (T.): "Povoamento do Nordeste". *Revista do Instituto do Ceará*, vol. 51, 1937, pp. 107-162.
- 6) STUDART FILHO (Carlos): "Vias de Comunicação do Ceará Colonial". *Revista do Instituto do Ceará*, vol. 51, 1937, pp. 15-47.
- 7) VALVERDE (Orlando): "O sertão e as serras — O centro-norte do Ceará — Estudo Geográfico para localização de u'a missão rural". *Bol. Carioca de Geografia*, ano V, ns. 3 e 4, pp. 33 a 55, 1 mapa.

Inéditos

Pastas do Arquivo Corográfico do Conselho Nacional de Geografia de cada município do Ceará.

Mapas

- 1) Açudes e Rodovias do Nordeste. Escala gráfica. Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas. Ministério da Viação e Obras Públicas. 1950.
- 2) Fôlha da Carta Americana: S.A.-24 — Fortaleza, 1938 — S.B.-24 — Jaguaribe, 1936. Escala 1:1 000 000. Edição Provisória da Geographical Society of New York, 1938.
- 3) Mapa Geológico do Brasil. Escala 1:5 000 000. Organizado pela Divisão de Geologia e Mineralogia. Ministério da Agricultura. Comp. Litográfica Ipiranga. São Paulo, 1942.
- 4) Mapa Hipsométrico do Estado do Ceará. Escala 1:1 000 000. Organizado pelo Conselho Nacional de Geografia, 1938.
- 5) Mapa Pluviométrico do Nordeste do Brasil. Escala gráfica. Organizado por J.A. PEREIRA CASTRO. Ministério da Viação e Obras Públicas. I.F.O.C.S., 1943.
- 6) Mapa de Viação dos Estados do Piauí e Ceará. Escala 1:1 500 000. Ministério da Viação e Obras Públicas. Departamento Nacional de Estradas de Ferro, 1944.